



Boletim do

# Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional - Versão em Português - Janeiro 2015

## RESPOSTA À CAMPANHA DO IMPERIALISMO CONTRA O TERRORISMO



O fuzilamento de 10 jornalistas da revista Charlie Hebdo e o subsequente fuzilamento dos dois terroristas pelas forças francesas não passam de mais um episódio do confronto entre jihadistas

islâmicos e as potências. O atentado de 11 de setembro de 2001 às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, se destacou como o ponto alto das ações da Al-Qaeda. Talvez os jihadistas não mais consigam um feito tão contundente. O atentado contra o Charlie Hebdo empalidece diante da derrubada das Torres Gêmeas.

O ataque terrorista à maior potência mundial serviu de motivo para George W. Bush intervir militarmente no Afeganistão e dar um novo passo na guerra contra o governo nacionalista de Saddam Hussein – o primeiro foi dado pelo seu pai George H. Bush na guerra do Golfo Pérsico. O intervencionismo militar das potências demonstra a impossibilidade da burguesia imperialista manter seu domínio a não ser pela violência contrarrevolucionária. Essa premissa há muito foi comprovada. O que se tem é sua particular manifestação nos países semicoloniais em que predomina o islamismo.

O recrudescimento do confronto entre o imperialismo e a jihad islâmica antecede ao atentado de 11 de setembro. Esse assombroso acontecimento abriu um novo capítulo na guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo. As invasões do Afeganistão e do Iraque expuseram a estratégia intervencionista do imperialismo em nações oprimidas, cujos governos não se sujeitavam e procuravam exercer a soberania nacional.

A intenção do governo Bush era a de ir mais além, expandindo a guerra intervencionista para o Irã. Mas a firme resistência das forças nacionalistas tanto no Iraque quanto no Afeganistão alteraram a disposição da Casa Branca de avançar o intervencionismo. Nem o regime de Saddam, nem a dos Talibãs eram dirigidos pela Al-Qaeda. O governo nacionalista dos Talibãs tão somente abrigava o movimento terrorista de Bin Laden por estar contra os Estados Unidos. O que também ocorria com parte das forças islâmicas nacionalistas do Paquistão. Bin Laden foi assassinado pelas forças norte-americanas em território paquistanês, numa clara violação de sua soberania.

Não se trata aqui de detalhar os inúmeros embates das potências em vários países do Oriente Médio e da África contra o movimento jihadista islâmico e os massacres. Estão à vista para quem quer ver. Importa a guerra civil na Síria. Os jihadistas sunitas tomaram à frente dos combates. Inicialmente, foram alimentados pelas potências e pelos governos árabes que servem ao imperialismo (Arábia Saudita, etc.). Isso até o momento em que se destacou o movimento Estado Islâmico - pelo que se informa, trata-se de uma cisão da Al-Qaeda. A jihad muçulmana estabeleceu a ligação entre a Síria e o Iraque. Tende a se fortalecer e a se espalhar, agravando a particular luta entre sunitas e xiitas e por cima dela a intervenção geral do imperialismo.

No fundo da “guerra islâmica” contra o governo títere dos Estados Unidos no Iraque ou adaptado ao imperialismo como o de Assad na Síria, estão o petróleo, a pobreza das massas, o entreguismo e, portanto, a opressão nacional. As jihads expressam o nacionalismo árabe à sua maneira. Nacionalismo que havia morrido com os governos da feudal burguesia árabe dos anos 50 e 60. Sem dúvida, a sua deformação é tão grande que quase se torna irreconhecível.

Os postulados religiosos da jihad – reacionários e obscurantistas – acobertam as bases materiais do movimento anti-imperialista e do nacionalismo, que se apoia nas massas. Mas o movimento islâmico radical, com suas vertentes, seria incompreensível sem que se revelem as relações econômicas, sociais e históricas em que se assenta. As explicações que o reduzem ao fanatismo islâmico, à guerra de valores contra o Ocidente e outros equivalentes servem ao imperialismo.

Sem dúvida, os fundamentos de seita religiosa e as suas consequências sociais (patriarcalismo, medievalismo, etc.) estão presentes e são poderosos. Mas não se projetariam em um grande embate contra as potências se não tivessem raízes profundas nas relações de produção, de distribuição e de detenção das riquezas. Surpreende aos observadores externos a imersão do Estado Islâmico como um exército que foge ao controle dos governos árabes, que passa por cima das fronteiras traçadas pelo imperialismo nas duas guerras mundiais, controla parte da produção de petróleo na região e ameaça os interesses das potências no Oriente Médio.

A coalizão organizada pelos Estados Unidos para esmagar a jihad do Estado Islâmico, no fundamental, não se difere da criada para ocupar o Afeganistão, destituir o governo do Talibã, estabelecer ali um poder da fração pró-imperialista. No caso do Iraque, os Estados Unidos desconhecera a ONU e se contentaram com o apoio da Inglaterra. O que difere a aliança de combate ao Estado Islâmico é que se configurou como a “santa aliança”. Tão ampla que congrega todas as potências e países árabes do Oriente Médio.

A guerra na Síria e no Iraque está longe de ser resolvida pela superioridade militar do imperialismo. O que potencia as ações terroristas dos jihadistas. Não se pode obscurecer que o terrorismo é um método de combate militar. É carregado de dramaticidade porque as forças muito superiores do imperialismo minimizam as suas próprias carnificinas. Por variados caminhos, entorpecem a compreensão das massas de que a eclosão de movimentos que se lançam ao terrorismo é produto das condições de opressão imperialista das nações atrasadas, semicoloniais e saqueadas. A vigência do terrorismo se explica pela ausência de um movimento revolucionário anti-imperialista e anticapitalista encarnado pelo proletariado e dirigido pelo partido marxista-leninista-trotskista.

O ataque ao Charlie Hebdo, isolado do processo histórico, pode ser explorado sem limites pelo governo francês, com apoio das potências e com o concurso das burguesias semicoloniais. A campanha do antiterrorismo desde que Bush estabeleceu a sua doutrina foi posta nos seguintes termos: quem não condenar os atos terroristas são adeptos, aliados, apologistas ou coniventes com o terrorismo. O fato do alvo dos jihadistas ter sido os cartunistas de uma revista dedicada ao humor e ao escracho facilitou a condenação pelas esquerdas, nas suas mais variadas tendências, ao ataque terrorista. A condenação, portanto, percorreu da direita fascista à esquerda, que se reivindica da luta anti-imperialista e anticapitalista. Evidentemente, cada qual com suas distintas explicações.

O terrorismo é um método antigo que surgiu do choque entre forças desiguais. Os ingleses que o digam em sua Guerra do Ópio na China. O atual fenômeno não difere quanto ao método usado pelas forças

mais débeis. Há pouco tempo, a Al Fatah e o Hamas dele se valeram contra os sionistas. Diante do acontecido em Paris, o Hamas condenou o atentado jihadista, ao lado dos sionistas que usam e abusam do terrorismo de Estado (o terrorismo não é monopólio das forças mais fracas e oprimidas). A operação norte-americana de assassinato de Bin Laden foi terrorista – um ato de terror de Estado. O estado sionista usou terrorismo de Estado contra os palestinos em 2014. O imperialismo usa o terrorismo de Estado como auxiliar aos métodos militares da guerra regular. A França o aplicou largamente na guerra de independência da Argélia. A violência em si, seja pela via do terror ou não, nada expressa. É preciso aproximar-se ao máximo de suas raízes sociais e históricas e identificar o seu conteúdo particular.

O nacionalismo islâmico não tem como derrotar o imperialismo e libertar as nações e povos oprimidos. Na ausência de um movimento anti-imperialista e anticapitalista encabeçado pelo proletariado e protagonizado pela maioria oprimida, o imperialismo se impõe e potencia a barbárie. O terrorismo islâmico é parte desse fenômeno que advém do capitalismo em decomposição, do bloqueio ao desenvolvimento social das nações que carregam o pesado fardo do pré-capitalismo e suportam o saque imperialista de suas riquezas naturais.

O terrorismo, no entanto, é incapaz diante da máquina de guerra das potências. Seus atentados são aproveitados pelos governos para obscurecer a consciência revolucionária do proletariado e empurrar a classe média para a direita. A convocação de François Hollande para apoiá-lo na guerra imperialista contra os jihadistas arrastou milhões de franceses, que supostamente estariam em defesa da república, da democracia, da liberdade de expressão, da civilização e da paz. A campanha mundial pela condenação do atentado ganhou proporções comparáveis às do 11 de setembro. Hollande pôde tranquilamente anunciar seu plano de reforçar a presença das tropas francesas no combate ao Estado Islâmico.

O terrorismo deve ser combatido com a política proletária e no campo da revolução social. Está aí por que condenar o atentado quando este expressa o choque entre os jihadistas islâmicos e o imperialismo, quem o faz, mesmo que em nome da luta anti-imperialista e socialista, inevitavelmente, se coloca no campo da burguesia. É necessário não apenas rechaçar a condenação do imperialismo ao ato terrorista quanto condená-lo por assassinar os jihadistas. O espetáculo montado em torno da caça aos irmãos Said e Shérif e da operação final de fuzilamento deve ser rechaçado pelos explorados. A mobilização espetacular de toda força de repressão do Estado francês para cercar e fuzilar dois terroristas retratou a barbárie da civilização imperialista.

### **Esquerda capitula diante da pressão do imperialismo e da opinião pública da classe média**

Em resposta imediata ao atentado, no dia 7, a CGT e partidos de esquerda fizeram uma manifestação na Praça da República, em Paris, para condenar o ato terrorista. Não diferiu em essência da gigantesca manifestação promovida por Hollande no dia 11 sob a bandeira de unidade contra o terrorismo. Em seu comunicado, o representante francês da CCR NPA (Courant Communiste Révolutionnaire du NPA),

ligada ao PTS argentino, estampa: “Nossa condenação ao atentado em Paris”. Diz: “Com dor e assombro tomamos conhecimento do atentado ocorrido esta manhã contra a redação do Charlie Hebdo, reconhecido semanário humorístico progressista.” Emite suas condolências aos familiares e amigos dos jornalistas. Depois vem a ressalva: “Ao mesmo tempo em que repudiamos o selvagem atentado e nos solidarizamos com as vítimas, nos declaramos contra toda ‘união sagrada’, contra o Vigipirate (sistema de alerta antiterrorista que é utilizado de forma racista) e contra a islamofobia (...).”

O Partido Operário Independente (POI), ao qual é vinculado “O Trabalho, corrente interna ao PT, refere-se a uma “angústia perante o ignóbil atentado que atingiu o semanário Charlie Hebdo”. Recorre à “liberdade de imprensa”, que para os revisionistas do trotskismo é o “pilar das liberdades e da democracia”. Faz apologia “à luta pela democracia e pela paz”. Eis o mais importante de sua nota: “Desde o anúncio dos primeiros atentados, o Partido Operário Independente (POI) deu a conhecer a sua mais firme condenação”.

Na Argentina, Jorge Altamira, dirigente do Partido Obrero (PO), expressa sua condenação manifestando “total solidariedade com as vítimas do massacre de Paris”. Também faz a ressalva: (...) “nenhuma solidariedade com os governos e os Estados massacradores da França e da Otan.” Levanta a bandeira de “defesa da liberdade de expressão e opinião (...)”.

O PTS, em sua nota, ostenta: “Do obscurantismo à reação”. Afirma: “Ninguém pode escapar à condenação destes ataques (...)” Faz uma série de considerações contrárias à “unidade nacional”, comenta artigos de vários jornais em tom de rechaço e, finalmente, vai ao essencial: (...) partimos do repúdio ao brutal atentado sofrido pelos editores de Charlie Hebdo (...)”.

A Liga Internacional dos Trabalhadores, LIT-QI, à qual o PSTU é vinculado, finaliza seu comunicado com uma exortação: “Chamamos todas as organizações dos trabalhadores e de esquerda a repudiar esse atentado”. Explica que os atentados terroristas servem ao imperialismo. Apregoa a liberdade de imprensa e de crítica contra aqueles que “defendem um autoritarismo com métodos fascistas”.

O PCB diz que o ocorrido “é um cruel atentado contra a liberdade de expressão, uma bárbara agressão contra a democracia”. Acrescenta que o ato terrorista contraria “totalmente os ensinamentos” do islamismo. Conclui com um chamado: “É hora de todos levantarmos nossas vozes, condenarmos veementemente essa barbárie e dizermos um sonoro NÃO ao fascismo”.

O PCdoB emitiu um repúdio ao atentado, desfraldando a bandeira da paz e da liberdade de imprensa.

O representante do PSOL, Gilberto Maringoni, procura mostrar que o “terrível e injustificável atentado contra a redação do Charlie Hebdo não pode ser visto como a ação de mulçumanos alucinados (...)” Mostra que os imigrantes árabes sofrem duras discriminações raciais, que incluem a religião islâmica. Feitas tais considerações, conclui: “Mesmo assim, o atentado deve ser condenado sem mediações.”

Nota-se que as esquerdas (revisionistas do trotskismo, estalinistas, reformistas, socialdemocratas) se meteram na mesma vala comum da condenação, da consternação e da liberdade de expressão. Pode-se alargar essa vala comum com a de Hollande, quanto à condenação, à consternação e à liberdade de expressão.

Parte da esquerda rejeita a união contra o terrorismo, procura distinguir sua condenação da condenação do imperialismo, mas se colocam sob a mesma bandeira de liberdade de expressão e da consternação. Desvinculam e isolam o atentado ao Charlie Hebdo do conflito geral das nações oprimidas árabes com o imperialismo e das suas ações sangrentas. Basta lembrar as 500 crianças palestinas mortas pelos bombardeios sionista-imperialistas à Faixa de Gaza para se ter a dimensão real do choque entre as nações oprimidas e as opressoras. Isolam o ódio religioso, descarregado contra os escrachadores do islamismo, do domínio das potências ocidentais que se assentam no cristianismo. E não têm como fugir ao conteúdo burguês da liberdade de expressão propagandeada pelo imperialismo.

A esquerda capituladora sequer se esforça por entender que a campanha de escracho do semanário ao islamismo esteve em confluência com os ataques do imperialismo aos “bárbaros” que ameaçam a civilização, a democracia e as liberdades. A imprensa é um órgão de difusão ideológica. É uma infantilidade considerar a revista Charlie Hebdo como distinta da imprensa burguesa porque faz charges de “deus e o mundo”. O escracho da religião como um todo – em especial ao Papa – não modifica o fato dos chargistas estarem metidos no choque entre os jihadistas e o imperialismo.

Toda religião é obscurantista pelos seus preceitos anticientíficos. São instrumentos de conservação do capitalismo. Essa função ideológica vale tanto para o cristianismo como para o islamismo, budismo, etc. No entanto, é necessário distinguir a religião que serve ao imperialismo e a que se manifesta como expressão dos povos oprimidos.

O capitalismo não se assenta apenas na opressão de classe. A partir dessa exerce a opressão nacional. As religiões, por mais que sirvam ao capitalismo, portanto à exploração do trabalho, não são indistintas diante da opressão nacional. Não é por razões religiosas que a fração jihadista do islamismo se distingue da fração oficial. Não é devido a interpretações distintas do Islã que se dividem em jihadistas e oficialistas, entre o uso da violência e o do pacifismo. Essa é uma explicação dos lacaios do imperialismo que têm livre acesso à imprensa burguesa, que é livre para mentir e falsificar. A divisão se deve às lutas internas entre frações da feudal burguesia pró-imperialistas e nacionalistas, e entre os nacionalistas e as potências opressoras, que têm o cristianismo como manto religioso do pacifismo.

O Vaticano cobre com a oratória do papa a chacina de crianças palestinas pelo Estado sionista de Israel. Protege com suas orações as brutais ações da França no Mali, etc.

Não passa de uma caricatura a imagem de que os jihadistas são um bando de fanáticos que praticam a barbárie em nome de um Islã, que prega a paz entre os povos. Expressam, na verdade, profundas contradições do capitalismo da época imperialista, de um lado. E, de outro, a crise de direção

revolucionária aberta pela degeneração estalinista do partido bolchevique, que culminou com a destruição da III Internacional.

Se não se tomam essas considerações de ordem histórica, não se pode estabelecer uma política justa diante do terrorismo islâmico. O imperialismo constitui a época de desintegração do capitalismo, portanto, de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Mostra-se completamente válida a caracterização geral do marxismo-leninismo-trotskismo de que ou a revolução social avança ou a barbárie se impõe como via de manutenção do capitalismo.

A crise de direção impossibilita a via da revolução social, embora as massas se batam frontalmente contra a burguesia. O mundo está diante das mais diversas manifestações da barbárie, que tendem a se potenciar caso o proletariado e sua vanguarda não deem passos para superar a crise de direção, construindo os partidos revolucionários e projetando o internacionalismo por meio da reconstrução da IV Internacional.

É assombroso observar que revisionistas do trotskismo, estalinistas e socialdemocratas se coloquem na mesma trincheira do imperialismo condenando o ataque terrorista, defendendo a liberdade de imprensa, a democracia e assistindo sem nenhum pronunciamento contrário à operação antiterrorista do governo francês que culminou com o fuzilamento dos irmãos Kouachi e de Amedy Coulibaly.

Não temos dúvidas de que o terrorismo se nutre da barbárie imperialista e de que somente o proletariado em sua luta revolucionária poderá derrotá-lo e superá-lo. Não condenar o atentado não implica apoiar os métodos e os objetivos da jihad. Implica identificar plenamente o imperialismo como o responsável pelas mortes dos jornalistas e policiais. Implica colocar-se do lado das nações oprimidas contra as nações opressoras. Implica rechaçar a santa aliança da unidade imperialista contra a jihad. Implica lutar no seio das massas para que encarnem a revolução socialista mundial. Implica combater todas as formas da barbárie com o Programa de Transição da IV Internacional.

15 de janeiro de 2015